

**Canal Energia – 25/03/2013**

**Política das estatais gera ineficiência, segundo **Acende Brasil****

Instituto realiza estudo que coloca as empresas controladas por estados e pelo governo federal como as que apresentam os piores indicadores de desempenho

[http://www.canalenergia.com.br/zpublisher/materias/Noticia\\_Exclusiva.asp?id=94390](http://www.canalenergia.com.br/zpublisher/materias/Noticia_Exclusiva.asp?id=94390)

A presença de políticos trava o desempenho das empresas estatais do setor elétrico, sejam elas estaduais ou federais. Essa é a conclusão a que chegou um estudo do **Instituto Acende Brasil** ao comparar indicadores financeiros e econômicos de companhias controladas pelo Estado e pelo capital privado. As concessionárias do primeiro grupo apresentam os piores números de um ranking de eficiência desenvolvido pelo IAB e, segundo a entidade, é o consumidor que paga a conta pela ineficiência das empresas.

O presidente do IAB, **Claudio Sales**, afirmou à Agência CanalEnergia que a despolíticação de cargos de gestão nas estatais é a forma de reverter essa situação. Ele acredita que esses cargos deveriam ser ocupados por pessoas com base na meritocracia e não por apadrinhamento político.

"Tratamos do assunto com rigor acadêmico, de forma empírica, onde avaliamos uma série de indicadores com o objetivo de isolarmos essa discussão da ideologia ou da política. O resultado para as estatais foi o pior possível, e podemos afirmar isso com base em dados", disse **Sales**, que destacou ainda o fato de que o estudo procurou eliminar as particularidades de cada empresa para chegar a um resultado mais próximo da realidade.

Os indicadores analisados pelo instituto têm como base os resultados anuais das empresas de 2011, já que o trabalho foi realizado em dezembro do ano passado. Nesse estudo analisam rentabilidade, produtividade por trabalhador - esses para as empresas de GTD - e a eficiência nos custos operacionais de empresas de distribuição com base na nota técnica da Aneel 101/2011. Já para o segmento de transmissão, o indicador de eficiência dos custos foi baseado na nota técnica 383/2012.

No resultado, por exemplo, aparecem empresas como a CPFL Energia e AES Tietê, entre as geradoras com melhor rentabilidade, enquanto Eletronorte, Cesp e Furnas estão entre as menos rentáveis, em geração e transmissão. Em produtividade por trabalhador, as empresas do Grupo Eletrobras ocupam as últimas posições ante a liderança, novamente, de CPFL e AES Tietê, além de Duke e Tractebel. Já entre as distribuidoras a AES Eletropaulo (SP) e a Cosern (RN) aparecem no topo da rentabilidade ante o indicador negativo da Eletrobras Distribuição Rondônia. Em eficiência dos custos operacionais a Coelba (BA), CPFL Piratininga (SP) e Cosern são as três melhores. Na parte de baixo estão a Eletrobras Distribuição Alagoas, Celpa (PA) e CEEE (RS).

Em todos esses indicadores, ressaltou **Sales**, as empresas privadas ficaram á frente. Ele explica ainda que as diferenças não são pequenas, tanto na comparação dos índices de rentabilidade quanto seguindo os parâmetros adotados pela Aneel.

**Sales** explica que essa característica não é exclusividade brasileira, há literatura que explica o fenômeno e que se baseia em: objetivo indefinido, pois empresas que são controladas com viés político acabam tendo que atender a objetivos, muitas vezes difusos; falta disciplina orçamentária, onde perdas são cobertas por aportes governamentais; uso político, pois atende a interesses de grupos específicos; administradores que não são os melhores para as empresas, mas ocupam cargos por apadrinhamento, e; processo decisório burocrático, que tende a reduzir a agilidade na tomada de decisões.

"Não é que não existam bons administradores nas estatais, há gente competente, mas o fato é que todos os executivos deveriam estar no mesmo nível. O político tem que ser político e apenas estabelecer diretrizes. Há casos de executivos qualificados, porém, isso não é a regra geral das estatais no setor elétrico", afirmou **Sales**.

E a discussão sobre os impactos da presença de políticos na gestão das empresas promete um novo capítulo nas próximas semanas. O IAB prepara um estudo onde pretende avaliar a governança corporativa nas estatais. **Sales** não quis adiantar o que já foi apurado até o momento, mas comentou que a governança é uma das vítimas da politização das estatais e, voltou a defender, que somente a saída dessas figuras do dia a dia das empresas é que pode reverter esse quadro de tamanha ineficácia diante das companhias privadas. Segundo sua avaliação, da forma que está, não há a geração de valor de mercado, mas a destruição de um valor que não é somente das companhia, mas por serem estatais, envolvem a sociedade brasileira.